

PESQUISA ENGAJADA E INTERVENÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL DIALÓGICA

FIGUEIREDO, João Batista de Albuquerque. - UECE

GE: Educação Ambiental / n.22

Agência Financiadora: CAPES

O objetivo principal deste trabalho é re-refletir sobre a práxis da pesquisa-intervenção no contexto da Educação Ambiental Dialógica. Partindo do pressuposto de que a educação não pode prescindir da pesquisa. Em outras palavras, a práxis educativa tem nos mostrado que somente podemos compartilhar saberes através de pontes edificadas por relações significativas. Essas implicam necessariamente em interações afetivas molhadas de confiança, fé, humildade e amor. Neste ambiente de relação é realmente possível o aprendizado, ou seja, a produção de saberes parceiros.

Vivemos um momento no qual se deve considerar a urgência de novos paradigmas em educação. E isto implica em um retorno sobre as teorias pedagógicas e as metodologias de pesquisa em educação e, em particular, em educação ambiental.

Temos caminhos pedagógicos que, de algum modo, se vinculam as grande linhas de pensamento: Pedagogia Tradicional vinculada ao Positivismo Sociológico de Durkheim (destacando o Funcionalismo); Pedagogia da Escola Nova ou Tecnicista que se associa as Teorias Compreensivas remanescentes de Max Weber (Etnometodologia; Interacionismo Simbólico; Fenomenologia); as Teorias Dialéticas de fundo Marxista e Hegeliano na direção de uma Pedagogia Crítica, que propomos Eco-Relacional, implicando numa educação dialógica, libertária, social, cultural, histórica.

Lembrando que pedagogia significa originalmente “condução ao saber”. Educação, por sua vez, significa a arte de ensinar. Pedagogia não é apenas teoria e educação não se restringe à prática. Como pensar correta e coerentemente sobre algo que não se faz? É possível educar sem pesquisar? Se a pesquisa é necessária, e assim acredito, qual o modo mais apropriado de pesquisar em educação?

Ora, no momento atual da humanidade em crise civilizatória, associada à crise ecológica, social e do trabalho precisamos utilizar um paradigma que ofereça resposta apropriada. Isto ao nosso ver implica numa perspectiva que: considere uma leitura de mundo não antropocêntrica; valorize a diversidade, o outro; priorize a equidade e os excluídos (Oliveira, 1997).

Nessa direção, caminhamos pensando na indissociabilidade conveniente entre educação, pesquisa e extensão. E assim precisamos escolher adequadamente nossos

procedimentos. A pesquisa engajada eclode como a opção necessária. A educação ambiental dialógica nos parece ser a mais oportuna, no contexto da educação ambiental popular. Já a extensão faz a ligação entre a ciência e o engajamento efetivo com os movimentos populares. Desse modo não seremos apenas ativistas ou, por outro lado, apenas pesquisadores dissociados do cotidiano do povo e das demandas populares.

Pesquisa Engajada em Educação

O primeiro passo para uma investigação científica é a “pergunta de partida” (Quivy e Campenhout, 1992). Entretanto, ao pensarmos numa intenção de resposta carregamos conosco nosso paradigma, nossa perspectiva epistemológica. E diante de nosso quadro de referências teórico-epistemológicas delineamos um projeto de pesquisa que explicita nossa maneira de caminhar na busca dessas respostas.

A construção vai se fazendo ao se construir. Porém, precisamos de um planejamento que aponta na direção do inédito viável. Que possa superar as situações-limites e consolidar os sonhos possíveis. Nessa direção é que precisamos refletir os possíveis meios de realização de nosso propósito. É essencial unir percurso desejante e trajetória de sentido (Figueiredo, 2003).

Para tanto cabe reconhecermos o paradigma que selecionamos para orientar o desenvolvimento do trabalho e sua intencionalidade. Propondo uma perspectiva dialógica, eco-relacional, pretendemos transcender um paradigma holístico ou apenas ecológico; incorporamos a conveniência de considerar a complexidade, a abrangência; o potencial quântico-relativístico do real; o fato de interagirmos enquanto teia de vida numa compreensão autopoietica.

Definimos alguns princípios essenciais: Foco nas Relações; Visão de teia ou Matriz; Participação Sócio-política; Transdisciplinaridade; Utilização pedagógica da pesquisa dos Temas Geradores visando a resolução de problemas intrínseco e contextualmente definidos (teias temáticas); Busca de uma compreensão Comum na proposição de Interfaces; Planejamento Comunitário Engajado; Superação do etnocentrismo com a valorização das culturas locais; Afetividade para com outro humano e não-humano; Pensamento Multidimensional; Respeito a diversidade biológica e cultural.

Estes princípios, por sua vez, pressupõem uma relação direta entre “leitura de mundo” e educação na valorização da cultura e dos valores populares, de suas

representações sociais (Moscovici, 1978). É um descentrar-se na busca da perspectiva popular, no compreender sua lógica e seu percurso desejante (Figueiredo, 2003).

Portanto, como pesquisar em Educação Ambiental considerando todos estes fatores? Qual o caminho seguro para se trilhar na pesquisa em educação ambiental, considerando os saberes locais, a multidimensionalidade e a perspectiva eco-relacional?

Freire (1996) afirma a impossibilidade de separar pesquisa de docência, portanto de discência. “*Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Estes que-fazerem se encontram um no corpo do outro*”. Como insiste em sua discussão acerca da práxis do ensinar, o ensinar se precede do aprender, não no sentido bancário do termo. Nesse sentido quanto mais criticamente se exerça o ato de aprender tanto mais se desenvolve a “curiosidade epistemológica”.

Dentre os diferentes métodos de pesquisa em educação consideramos indispensável, levando em conta nossa *opção pelos oprimidos*, que este esteja inserido no contexto da pesquisa engajada (Pesquisa Participante, Pesquisa-Ação, Sócio-Poética, Pesquisa – Intervenção Dialógica ou Eco-Relacional). Esta última se propõe agregar as demais destacando sua politicidade, eticidade, criticidade, sustentabilidade e parceria.

Falando um pouco da Pesquisa Participante (PP), recordamos que ela se caracteriza por um contato prolongado no meio onde os informantes vivem, num envolvimento na vida das pessoas pesquisadas. Estabelecendo níveis de confiança mais profundos com o grupo de informantes, procura-se compreender o ponto de vista do outro, via empatia e distanciamento dialeticamente estabelecidos.

PP é uma investigação voltada para as necessidades do pesquisador que tenta interagir com as necessidades de *grupos excluídos*, levando em conta suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir. Tenta incentivar a autoconfiança e a autonomia dessas populações através dos resultados da pesquisa. Alguns dos seus pressupostos incluem a realização concomitante da investigação e da ação, a participação conjunta de pesquisadores e pesquisados no ato da intervenção, a proposta político-pedagógica a favor dos *oprimidos* objetiva mudança ou transformação social. Destaca, no sentido epistemológico, a ausência de neutralidade no processo da pesquisa; a produção de conhecimento não é objetiva, mas dialética; o povo não é objeto de pesquisa, mas sujeitos do processo; a transformação social não é atributo de um agente externo (Haguette, 1987).

Já no caso da Pesquisa-Ação ela consiste em um tipo de investigação com base empírica concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a

resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (Minayo, 1996). Vida cotidiana, consciência possível, trabalhar a si mesmo, práxis da vida e práxis da pesquisa se mesclam, eis algumas das categorias privilegiadas por Barbier (1985) para a constituição dessa forma de investigação. Em suas palavras: “... *a pesquisa-ação é uma atividade de compreensão e de explicação da práxis dos grupos sociais por eles mesmos (...). Trata-se de “desconstruir, através de um método analítico, a rede de significações” das quais o grupo sujeito é portador.*

Tratando da Pesquisa - Intervenção Dialógica ou Eco-Relacional, ressaltamos que nossa tentativa de uma ruptura epistemológica avança com as idéias dessas propostas clássicas se justificando por integrarmos respostas a esta grande crise civilizatória caracterizada por uma crise ecológica minimamente enfrentada; um poder manipulatório incrível (plástica, semiótica, etc.); um abismo em relação a ética; um sistema mundial que é de fato a globalização do capitalismo; um mercado que define a razão humana; a produção de ‘não seres humanos’, que se dá por meio da precarização da vida humana. Traz problemas tais como uma educação na qual a civilização técnico-científica invade a escola; a incapacidade de lidar com a infinidade de dados; o relativismo fundamental generalizado; o desemprego e a miséria em contínua expansão, a ética se restringindo aos fenômenos (Oliveira, 2003).

Isto tudo implica na necessidade vital de uma nova racionalidade que supere a razão instrumental, antropocêntrica, cognitivista, técnico-científica, mercantilista. Portanto precisamos de uma lógica mais abrangente que transcenda o sistema globalizante no qual vivemos, buscando um percurso desejante de singularização que se associe a uma trajetória de significação apropriada à contemporaneidade.

É necessária uma educação diferenciada de instrução técnica. Educação no sentido grego da construção do humano integral e crítico. É necessário ampliar a percepção. E, com esta compreensão, toda e qualquer atividade que envolva docência implica necessariamente práxis, na necessidade fundamental de vincular ação e reflexão.

Estes fatores podem nortear atitudes docentes e epistemológicas que se ligam ao reconhecimento da relevância das relações – diálogos significativos na produção de um saber parceiro. A dialógica estabelece pontes. Prioriza o ser de relação como substrato, o dito como ente vivo, repleto de significados compartilháveis. A ponte é construída

com proposições estabelecidas em si e entre si com o tema e a vida vivida na compreensão mútua.

A Perspectiva Eco-Relacional enfatiza que são fatores essenciais e indissociáveis de uma leitura capaz de contribuir para um mundo solidário, habilitado a resistir à conjuntura crítica em que atualmente vivemos, a superação de uma leitura cartesiana das relações sociais com as esferas não humanas; a valorização do outro como legítimo outro que se humaniza nas relações afetivas (Maturana, 1998); e que as esferas psíquica-sócio-política-ecológica-natural são parcelas da totalidade.

Uma práxis de pesquisa-intervenção dialógica

Ocorre que esta investigação se propôs a identificar e comparar as representações sociais da água, atitudes e práxis relacionadas, em um esforço de compreensibilidade do ‘ponto de vista’ popular na pretensão de contribuir com um processo transformador.

Inicialmente aplicamos trinta entrevistas que nos proporcionaram uma espécie de varredura geral do campo de pesquisa. Seguidas de um trabalho mais extensivo e de maior profundidade desenvolvido através das histórias orais e alguns depoimentos pessoais. As atitudes e a práxis puderam ser percebidas mais efetivamente por meio das observações etnográficas que apontavam como a consciência ambiental se manifestava concretamente associada ao grupo investigado.

Esse grupo foi composto por usuários dos recursos hídricos oriundos da população em geral, no caso das entrevistas, selecionados por conveniência, enquanto residentes nos sete bairros da cidade de Irauçuba (CE). Os depoentes, tanto no caso das histórias orais quanto nos depoimentos pessoais, foram escolhidos dentre aqueles que se destacavam nos diferentes bairros como informantes-chave, que vimos a denominar de marcadores sociais do discurso do lugar.

Numa triangulação metodológica, ou seja, usando técnicas variadas para ampliar a possibilidade de interpretação do caráter multifacetado da realidade sob investigação (Jovchelovitch, 2000), pretendeu-se verificar o quanto essas representações presentes no discurso, nas imagens, na práxis, retratam uma perspectiva eco-relacional.

Como procedimentos, métodos e técnicas de pesquisa utilizamos as entrevistas (Thompson, 1998; Minayo, 1996), histórias orais e depoimentos pessoais (Queiroz, 1988; Brandão, 1998; Bosi, 1999; Thompson, 1998; Haguette, 1995) como os principais meios de obtenção de respostas às questões formuladas com o objetivo de identificar as

representações sociais, dentro do seu quadro de significações.

De início, através de um projeto piloto, aplicamos dez entrevistas. Diante do que ficou proposto um número de mais vinte entrevistas, número que poderia ser modificado caso não atendesse ao princípio de saturação de informações, que sugere continuarmos o processo de entrevistas ou questionamentos até que as informações comecem a se repetir continuamente como se estivessem saturadas as respostas possíveis (Quivy & Campenhoudt, 1992; Haguette, 1987). Esse número predeterminado não necessitou ser modificado por ter havido a devida saturação de informações resultantes das entrevistas. Foi possível o aproveitamento das dez entrevistas do projeto piloto, pois não houve maiores modificações no roteiro e procedimento das entrevistas, entre as duas fases.

As entrevistas foram efetuadas em todos os bairros não se repetindo mais do que dois imóveis por rua de cada bairro. Utilizamos o gravador, solicitando autorização para gravarmos. Anotamos alguns detalhes interessantes em folhas e cadernos que serviram como Diário de Campo.

A investigação por meio das entrevistas tomou corpo buscando a compreensão dos elementos simbólicos associados à água e às atitudes em torno da relação com o elemento hídrico. Agruparam-se essas representações sociais (RS) em conjuntos vinculados a um modo de relação do grupo local com a água. As RS propiciaram condições de acesso interpretativo do mundo simbólico do grupo e da maneira como este desempenha ações no cotidiano.

Utilizamos um roteiro estruturado com questões abertas, considerando alguns detalhes, tais como: a inter-relação dos itens com o problema central; o conhecimento do assunto tanto quanto possível antes de iniciar a formulação das perguntas, a consideração de cada item como uma entrevista em si mesma, constituída de propósito, justificando sua inclusão. Utilização de perguntas tendo como base os objetivos. Posteriormente as histórias orais mostraram-se mais satisfatórias aos nossos propósitos.

Ao longo desse processo e junto a essas áreas de estudo, foram realizadas observações de campo numa leitura etnográfica (Geertz, 1973; Brandão, 1981) quanto à prática eco-sócio-ambiental no relacionamento com a água. Pode-se então estabelecer, por meio do estudo dos resultados das entrevistas, das observações, do conhecimento do contexto histórico das áreas de estudo, uma aproximação do entendimento das interações empíricas próprias dos grupos investigados no que se refere a uma consciência ambiental e à conexão existente entre esta consciência e as relações com a

água. Foram seguidas as sugestões básicas adaptadas da Pesquisa Participante, da Pesquisa-Ação ampliadas pela Perspectiva Eco-Relacional.

Referindo-se ao diário de campo, utilizamos esse documento com muitos registros frutos de nossa oralidade e poética que eclodia na vivência íntima com o sertão. Nele registravam-se detalhes do contexto e os eventos significativos que ocorreram no campo, relacionados ao tema. Fizemos também anotações sobre idéias que surgiam, ligações com outros dados e reflexões sobre observações anteriores. Ao final de cada etapa, efetuamos anotações relacionadas a informes adicionais coletados, incluindo conversas ao final dos depoimentos. Anotou-se no diário de campo, todas as observações consideradas importantes para o propósito do trabalho.

Metaforicamente apresentaremos um pouco dessa reflexão metodológica. Fazendo uso das palavras de Kramer (1993) a intenção é de relatar o movimento de várias trajetórias que ocorrem simultaneamente na construção da pesquisa. São fios tecendo o entrelaçar do saber-fazer-refletir. Vidas entrelaçadas que costuram teias. É como se uma aranha emergisse da dimensão imaginária e se apresentasse como parceira permanente na constituição da teia epistêmica, parte essencial da teia da vida, teia ontológica no humanizar-se que pode se fazer teia axiológica na consolidação de valores e princípios éticos fundamentais.

A aranha tece num trabalho vital, tirando de suas entranhas a matéria-prima dos fios que habilita o edificar da teia. Essa teia lhe propicia as condições da captura, da interligação com o ambiente ao seu derredor. Reconhece e interage assim que um ser toca qualquer ponto de sua teia. Sua teia é parte de si mesma e lhe envia mensagens do fio tocado.

Nossa escolha metodológica constitui, tal como a teia, a potencialização de diversos fios entremeados por meio dos nós que lhes interligam e permitem a aquisição de componentes da realidade alimentando a necessidade de conhecer e saber. Costura, desse modo, uma teia do real composta de seus *nós críticos*, de sua fiação, obra que exterioriza um intercâmbio de sua natureza interior com a natureza fora de si. Constrói uma *percepção eco-relacional* para si e para os outros. Uma construção que associa práxis educativa e práxis investigativa constituindo uma práxis ontológica, de se fazer-refletir ao refletir o fazer com consciência.

Certamente, a natureza do problema determina a escolha do método, por esse motivo, diante de uma problemática que envolve múltiplas determinações e dimensões do real, ocorre uma particularidade que enriquece, que é constatarmos estar interagindo

com uma cultura residualmente oral. Isto reforçou a impossibilidade de restringirmos a pesquisa às entrevistas. “*Procurando compreender a fala das classes populares*” (Valla, 2000), inspirou uma busca de expansão. Diante da complexidade dos resultados das entrevistas e de uma relativa opacidade dos dados resolvemos aprofundar a investigação por meio da ‘história oral’.

Para fundamentar o uso da ‘História Oral’, nos apoiamos principalmente em um trabalho organizado por Simpson (1988). Queiroz (1988) em uma tentativa de definir “História Oral” afirma que:

“História Oral’ é um termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de indivíduos de uma mesma coletividade. Nesse último caso, busca-se uma convergência de relatos sobre um mesmo acontecimento ou sobre um período do tempo” (p. 19).

“A diferença entre história de vida e depoimento [história oral] está na forma específica de agir do pesquisador ao utilizar cada uma destas técnicas, durante o diálogo com o informante. Ao colher um depoimento o colóquio é dirigido diretamente pelo pesquisador... Da “vida” do seu informante só lhe interessam os acontecimentos que venham se inserir diretamente no trabalho, e a escolha é unicamente efetuada com esse critério. (...). Conhecendo o problema, busca obter do narrador o essencial...” (p. 21).

Certamente “História Oral” não esgota aspectos sociais em foco, mas levanta questões importantes e profundas capazes de iluminar ou ampliar perspectivas acerca do que já havia sido identificado por meio das entrevistas e observações. Revela mais do cotidiano, opiniões e valores e relacionamentos sócio-culturais. É técnica que capta os nós psicossociais da teia que entrelaça o individual com o social.

Um cuidado importante com essa técnica foi aplicá-la juntamente com um grupo de pesquisadores com quem debatíamos acerca do trabalho. Esse procedimento tinha o intuito de diminuir os vieses subjetivistas passíveis em um processo como este. Seria também possível rever os registros, discutindo para ampliar a tradução das falas e dos componentes da fala que seriam de interesse direto para a nossa investigação.

O “vídeo artesanal” (Vasconcelos, 2001) foi utilizado como técnica complementar. Com essa aplicação foi possível observar além da linguagem oral também outras linguagens, tais como a corporal, suas interações e contradições, a cantiga de suas falas, o gestual. A possibilidade de rever a imagem com e sem fala ajudava a perceber outras nuances. Porém, sua maior ajuda foi enriquecer os debates, baseados nesses depoimentos filmados e nas imagens.

Em campo usamos simultaneamente o gravador, a anotação no diário de campo, fotografias e a gravação em vídeo. Ao longo dos quatro anos de relação com Irauçuba produzimos, aproximadamente, vinte horas de vídeo, trinta e nove horas de áudio e mais de setecentas fotografias coloridas.

Através dessas discussões montamos a teia de representações sociais cujas temáticas originaram-se nela. O grupo sugeriu que a ênfase da reflexão sobre a teoria-prática não poderia deixar de ser o eco-relacional e a ecopraxis, o agente mobilizador e resultante de sua elaboração. Nas traduções formuladas pelo grupo havia a constatação do saber local interligado com o ‘*conhecimento tatuado*’ (Figueiredo, 2003) que lhe induzia a ocultamentos e fragmentações, distorcendo valores e atitudes.

Os dezessete depoentes escolhidos para a história oral foram os ‘*marcadores do discurso do lugar*’ (op. cit.): por sua posição privilegiada de efetuarem ponte entre o grupo que representam e os governantes locais; por estabelecerem demarcações nos discursos que lhes são propostos ou impostos; por atuarem como referência para os que se lhes acercam; por poderem desvelar alguns aspectos sombreados da lógica popular.

A história oral não traz apenas conteúdo pessoal, pois se relaciona com a comunidade local e a sociedade mais ampla. Permite, inclusive, reconstruir a realidade social em suas manifestações correntes. Muito embora não se pretenda uma generalização indiscriminada. Daí se trabalhar com diversas histórias orais e, preferencialmente, levantadas no ambiente do ator social interagindo com os seus pares. Considerando as participações daqueles que lhe acercam no momento do depoimento e de suas discussões em torno dos temas de interesse da pesquisa.

A narrativa de uma ‘história oral’, ou de uma história de vida, não implica em considerarmos o sujeito como eixo - recanto de reconciliação social. Por outro lado esses marcadores carregam uma função social que nos permite reconhecê-los como informantes privilegiados no contexto dessa investigação. Além do que, vemos as narrativas carregando representações sociais e uma considerável densidade de informações. Nesse entendimento temos a corroboração de Jovchelovitch (2000):

“Narrativas são uma das principais formas discursivas nas quais as representações sociais se desenvolvem. (...) Contando estórias, grupos e indivíduos humanos relembram o que passou, dão ordem e sentido à experiência e manipulam a cadeia de eventos que forma tanto a vida social como a vida individual” (p. 143 e 144).

“... Em narrativas, as representações sociais encontram um terreno privilegiado no qual podem se incubar e se desenvolver.

Quando sujeitos sociais organizam eventos em uma trama, eles o revestem com significados, valores e afetos que são o material substantivo das representações sociais” (p. 147).

Assim, no cruzamento dessas histórias orais com as entrevistas, observações etnográficas e as trocas de idéias com o grupo de discussão, foram possíveis aproximações adequadas e, em “zoom”, ir e vir, nos distanciarmos e nos reaproximarmos na constituição dessa tessitura da teia, da trama e fios do real interpretado.

Se não consegue abranger a totalidade e a complexidade do real, lhe oferece um fio condutor tal qual, no clássico mito grego, o fio de Ariadne foi oferecido como consequência da relação afetiva que se estabeleceu entre ela e Teseu e que resultou no revelar do caminho para que ele saísse dos corredores do labirinto do Minotauro. Recordemos que Teseu foi jogado no labirinto para tentar a saída do contexto fragmentado em direção à sua liberdade ou para ser devorado pela dimensão fera do humano retratada pelo Minotauro.

Interpretando resultados

Foram utilizados, no processo de reflexão e tradução dos resultados, algumas categorias sistêmicas (Quivy e Campenhoudt, 1992), pré-estabelecidas, com o intuito de permitir comparações entre o empírico e o desejado, bem como potencializar práxis mais eficaz.

Em relação ao estudo do material coletado dentro do contexto das Representações Sociais, ele se insere na tradição fenomenológica de pesquisa ampliada pela perspectiva eco-relacional, pela abordagem freireana da “fenomenologia dialética” (Gadotti, 1996; p. 125), inferindo-se que as representações sociais necessitam de técnicas para o desvelamento das associações que emergem das teias de significados, no que terá o amparo da análise de conteúdo (Bardin, 1977) e da “etnografia profunda” (Geertz, 1973).

Considera-se a pertinência e mesmo a necessidade de se identificar as âncoras que o ‘senso comum’ tem utilizado na constituição de representações associadas à dimensão sócio-ambiental. Como afirma Jovchelovitch (2000) a importância da escolha pela pesquisa em representações sociais se explicita, principalmente, por dois motivos: primeiro porque as RS são fenômenos simbólicos produzidos na esfera pública, nas conjunturas de comunicação e ação, podendo, portanto, no nosso caso, apresentar os

conteúdos significantes do povo; segundo, pelo seu caráter tanto referencial como construtivista. “... *elas re-constroem a realidade, de uma forma autônoma e criativa. Elas possuem um caráter produtor de imagens e significativa, que expressa, em última instância, o trabalho do psiquismo humano sobre o mundo...*” (Jovchelovitch, 2000; p. 41).

Essa autora ainda ressalta que nisso não há tentativa de negar o poder das estruturas sociais, de fato não deve se pensar numa dicotomia entre as estruturas concretas e a dimensão do imaginário. As RS se relacionam dialogicamente carregando em si tanto a possibilidade de manutenção do passado quanto a mudança do futuro. Constituem-se nas relações cotidianas. Nesse sentido, nosso estudo permite encontrarmos matéria-prima rica na constituição de um saber parceiro, mantendo e mudando, de maneira compatível com ações conscientes, apropriadas diante da urgência e gravidade do momento de crise ambiental.

Essa reflexão interpretativa se estabelece na tessitura da tapeçaria teórico-prática, traçada por múltiplos fios oriundos de diferentes pensares que costuram e montam o grande tapete que nos servirá de ponte. Nela, a variável cultura adentra para alargar o construtivismo, a fenomenologia, visando à superação do pensamento meramente racional.

Começamos por explicitar os conceitos novos que foram estabelecidos para designar certos aspectos, eventos, essenciais para o processo de descrição e interpretação aqui pretendido. Vamos para além de um simples descrever numa potencialização etnológica que existe nessa descrição que busca o sentido.

Uma pretensão da Interpretação Etnográfica é reconhecer os atores-autores sociais, o que pensam, como representam... Isto implica em convivência nos habitats dessas pessoas. Significa entrar em contato mais íntimo com suas falas, ações cotidianas, seus hábitos, suas conversas, suas práticas, suas interações.

Na esteira da tradição de Geertz (1973), interligamos subjetividade e cultura, visando a uma descrição que não se atenha à superfície dos fatos, fenomenicamente, mas adentrando na busca de maior totalidade de dimensões. Pretende-se romper com o mero reprodutivismo, tentando resgatar dimensões esquecidas dos seres humanos, ou mesmo expulsas de espaços formais.

Na interpretação dos resultados utilizamos a análise de conteúdo fundamentada em uma perspectiva eco-relacional, juntamente com as contribuições oferecidas pelo contexto sócio-histórico, para que desse modo se identificasse as RS presentes na

linguagem e práticas dos atores/atores sociais focados. A finalidade essencial foi estabelecer a compreensão dos ‘dados brutos’, depurando-os, respondendo questões norteadoras, explorando e ampliando o conhecimento sobre o assunto e articulando perspectivas.

Bardin (1977) oferece a “Análise de conteúdo” como instrumento bem usual na interpretação resultante da aplicação da Teoria das RS. Ele oferece uma estrutura e permite que usemos essa técnica dentro de um recorte específico, já que o propósito foi colaborar na identificação das representações sociais para que traduzíssemos o saber popular e possibilitasse o aprofundamento da intervenção em Educação Ambiental Dialógica.

A partir dessa escolha estabelecemos como procedimento de estudo a “análise temática”. Isso facilitou a ‘interpretação’ dos discursos. A técnica se caracteriza por ter como eixo de significação o tema, que se liberta do texto em estudo, como palavras, frases ou resumos, como feixe de relação, associado ao propósito específico do trabalho.

Suas fases foram divididas em: 1. Ordenação dos dados, por meio da transcrição de fitas de áudio e de vídeo, leitura do material, organização dos relatos e dados de observação; 2. Foi feita uma *pré-identificação* por meio de uma leitura flutuante dos documentos pretendendo a familiarização; 3. Executamos a *exploração do material*, através da clarificação dos dados, ou seja, leitura exaustiva e repetida; identificamos assim as estruturas de relevância, do núcleo de sentido; classificação e refinamento da classificação; 4. No *tratamento dos resultados* se procurou transformar os ‘dados brutos’ em núcleos de compreensão, por meio do recorte das unidades de sentido, em nosso caso, por meio da avaliação qualitativa. Definimos as unidades de sentido, codificando e categorizando; 5. Veio a *interpretação dos resultados*, dos debates em grupo e das inferências possíveis. É a fase final quando o empírico dialoga com o teórico; efetua-se a objetivação do resultado final desse estudo, através da classificação das categorias que comandaram a especificidade das discussões.

Somaram-se ao processo de investigação alguns aspectos contextuais, incorporando-se a verificação da conjuntura sócio-histórica da área de pesquisa. Os estudos das histórias orais, dos vídeos artesanais foram então considerados como eixo fundamental para definição da teia de representações sociais e assim podermos utilizá-la como temas geradores na abordagem pedagógica pretendida. Visando expandir e qualificar essa interpretação, procuramos tirar proveito das várias contribuições teóricas

já delineadas para uma maior compreensão, ampliando o sentido dentro do universo do entendimento, do emaranhado da teia de relações.

(In) Concluindo

Por meio das narrativas, em suas tensões constitutivas, no contato presencial com o outro (partilha do vivido), nos deparamos com o dito por meio do não-dito. Verificamos a complexidade na presença do ausente diante da interação entre as memórias e as vivências atuais, ou seja o reordenamento, a readaptação, dos sujeitos sociais às mudanças. *“Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado”* (Bosi, 1999; p. 55).

“A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada” (Thompson, 1998; p. 22). Em nossa pretensão a narrativa potencializa a escuta da história das classes populares. Pois, *“... toda comunidade carrega dentro de si uma história multifacetada de trabalho, vida familiar e relações sociais à espera de alguém que a traga para fora”* (op. cit; p. 217). O conhecimento advindo dessas narrativas assume o papel de ‘spots’ para ver o mundo e o seu modo de autoconstrução.

Devido à particularidade desse ambiente de pesquisa, área que se apresenta como fronteira, de modo especial se afiguram as representações sociais como interface psicossocial, sendo mais que uma ponte entre seres, uma ponte entre indivíduo e sociedade, entre grupos distintos, entre mundos diferentes. *“Na perspectiva libertadora em que me situo..., a pesquisa, como ato de conhecimento, tem como sujeitos cognoscentes, de um lado os pesquisadores profissionais; de outro, os grupos populares e, como objeto a ser desvelado, a realidade concreta”* (Freire, 1981; p. 35).

Com esse entendimento, um dos passos fundamentais se deu ao reforçar a Teoria das Representações Sociais, na tentativa de um ir além da pura catalogação de RS. Fica assim manifesto o potencial dialógico de se lidar com os conflitos sociais, com a permanente luta pela hegemonia e a tentativa de superação dos limites impostos pelas classes dominantes. Fica também explicitada nossa escolha política clara pelos esfarrapados desse mundo, agindo como parceiros no desvelamento dos potenciais de ação presentes neles. Desse modo fomos construindo um processo dialógico de pesquisa-intervenção inspirado em Paulo Freire, que levasse em conta estes fatores no contexto de nossa leitura eco-relacional de mundo.

A relação dialógica entre metodologia e referências teóricas

Apresentamos em seguida, sinteticamente, as etapas epistemo-pedagógicas inspiradas na abordagem freireana conforme foram aplicadas por esta Educação Ambiental Dialógica, no exercício de uma pesquisa-intervenção dialógica, relacionando educação ambiental e representações sociais, pesquisa-ensino, ação-reflexão-ação-transformação:

- 1. Levantamento do Universo Existencial e Vocabular que, em nosso caso, se associa às Representações Sociais sobre água, nosso tema de tese. Nessa direção estabelecemos os primeiros contatos com a comunidade e seu povo. Localizamos os marcadores sociais do discurso do lugar. Estabelecemos diálogo – depoimentos com os marcadores. Efetuamos uma espécie de mapeamento dos percursos desejante dos grupos-sujeitos na constituição da teia de representações sociais. Na seqüência, define-se um problema, é feito um levantamento dos temas geradores-situações limites por meio da identificação das representações sociais (entrevistas, história oral, observações etnográficas) que tipificam problemas concretos, considerando a freqüência de sua ocorrência, riqueza temática, relevância das situações-limite presentes e aplicabilidade prática com vista a transformações da realidade.*
- 2. Interpretação do universo existencial e vocabular a partir dessas representações sociais (análise de conteúdo, definição de marcos de destaque nas narrativas; etc.). Recorte seletivo de aspectos vivenciais da práxis social cotidiana e representações sociais;*
- 3. Codificação de situações-problema. Reconstituição de saberes vividos, situações existenciais típicas do lugar, situações problemas codificados para se aprofundar as reflexões. Nesse trabalho significa a criação de material pedagógico codificando situações-limite que envolva problemáticas sócio-ambientais do lugar, em especial vinculada à água. Nessa vertente busca-se a codificação de situações locais desafiadoras que propiciem discutir problemas locais, regionais, nacionais e globais;*
- 4. Utilização de materiais que carreguem a codificação elaborada visando favorecer a decodificação, abstração, discussão, reflexão-ação. Este material se corporifica através de fotografias, vídeos artesanais, transparências, músicas do cancionero popular nordestino, textos falados e escritos produzidos pelo grupo etc.*

5. *Confeção das teias temáticas que envolvam o debate com as palavras-geradoras, as situações-limites, corporificando problemas efetivos. Para isso estabelece-se uma relação dialógica e a produção de conhecimento relacional, parceiro, resultante do intercâmbio entre o saber popular e o saber científico tendo em vista a construção do inédito-viável.*
6. *Constituição dialogada de projetos de ecopraxis em torno das trajetórias de sentido grupal projetando e potencializando a superação das situações de fronteira na constituição dos sonhos possíveis.*
7. *Dialogicamente efetua-se um processo de avaliação sobre as situações-limites enfrentadas e mantém-se o ciclo gnosiológico envolvendo diálogo-ação-reflexão-diálogo.*

Esta Pesquisa-intervenção implica em: construção participativa, democrática e descentralizada; Definição de pesquisa dos temas- geradores associados à situações-limites intrínsecas ao lugar no qual nos inserimos; descrição de observações em grupo; debate acerca de dados e informes coletados; discussão dos processos e significados; estudo dos textos produzidos; proposta de atividades; reflexão acerca da visão histórica e dos paradigmas norteadores, das relações fundantes - áreas de silêncios / apagamentos - afetividade, relações significativas (para além da alteridade) e reconhecimento do amor na superação da estranheza entre o eu e o outro. Cuidado para com os grupo populares no sentido do fortalecimento de sua autonomia, interdependência e co-evolução.

Enfim, como pode ser visto, Freire é a matriz básica de toda a fundamentação teórico-metodológica que nos norteia a compreensão eco-relacional nessa perspectiva de educação ambiental dialógica. Tivemos alguns resultados concretos tais como a constituição de um fórum local, cursos desenvolvidos de modo parceiro, criação de OGN popular etc. Isto tudo indicou potencial de ação que existe quando colaboramos com o povo e damos ouvidos as suas falas.

Referências Bibliográficas

- BARBIER, René. **Pesquisa-Ação na instituição educativa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Rio de Janeiro, RJ: Edições 70, 1977.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 8. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1999.

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1981.
- _____. **Memória sertão**. São Paulo: Cone Sul/ Ed. UNIUBE, 1998.
- FIGUEIREDO, João B. A. **Educação ambiental dialógica e representações sociais da água em cultura sertaneja nordestina: uma contribuição à consciência ambiental em Irauçuba - CE (Brasil)**. São Carlos, SP. 347 p. Tese (Doutorado em Ciência Biológicas / Ecologia / Educação Ambiental) – UFSCar, 2003.
- FREIRE, Paulo **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).
- _____. **Extensão Ou Comunicação?** Trad. Rosisca D. de Oliveira. 10 ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1992.
- GADOTTI, M. **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo, SP: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. São Paulo, Guanabara Koogan, 1973.
- HAGUETTE, M. T. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública**. A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- KRAMER, Sonia. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola**. São Paulo, SP: Ática, 1993.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**, pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo, SP: Hucitec, 1996.
- MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar edit., 1978.
- OLIVEIRA, Manfredo A. **Tópicos sobre dialética**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 1997.
- QUEIROZ, Maria Isaura P. Relatos orais; do “indizível” ao “dizível”. In: Simson, Olga de Moraes v. Experimentos com histórias de vida: Itália – Brasil. São Paulo, SP: Vértice, Editora Revista Dos Tribunais, 1988.
- QUIVY, Raymond & CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa, Portugal: Gradiva, 1992.

- SIMSON, Olga de Moraes v. Experimentos com histórias de vida: Itália – Brasil. São Paulo, SP: Vértice, Editora Revista Dos Tribunais, 1988.
- THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Trad. Lólio L. de Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1998.
- VALLA, Victor Vincent. Procurando compreender a fala das classes populares. In: VALLA, Victor V. (Org.) **Saúde e educação**. Rio de Janeiro, RJ: DPCA, 2000.